

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL – CPDOC  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E  
PROJETOS SOCIAIS

RÁDIO BRISA: ECOS E SONS DA FAVELA DA ROCINHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Renata Nogueira da Silva

2007

## **Resumo**

O presente trabalho analisa a Rádio Brisa localizada na favela da Rocinha . A Brisa é uma rádio comunitária que reproduz em sua programação, o cotidiano dos moradores. Ao longo da pesquisa, analisei símbolos, códigos, linguagens e como todas essas questões influenciam na comunicação da rádio através da criação e produção do programa Música e Cia que aborda temas ligados à educação, cultura e saúde. Além do trabalho básico - roteiro e produção, foi estudada a linguagem e as especificidades do próprio veículo, levando em consideração a representatividade da rádio nas relações que envolvem ouvintes e locutores. O resultado da pesquisa foi apresentado em um vídeo de 20 minutos que mostra o cotidiano da rádio através de depoimentos de ouvintes e moradores e demais pessoas envolvidas.

**Palavras-chave:** rádio comunitária , favela, mídia, poder simbólico .

## AGRADECIMENTOS

Antes de iniciarmos nesta jornada, gostaria de agradecer a algumas pessoas que foram imprescindíveis neste processo: Meu marido Arthur, pela dedicação e paciência ao longo desse processo, minha mãe Marilene, pela força desde o início e pelas leituras intermináveis do meu projeto; ao meu orientador Fernando Weltman que acreditou na idéia do vídeo; a minha sogra Eloísa que tanto me ajudou nas tarefas do dia-a-dia; ao Tião Santos do Viva Rio, Dante da TV ROC, Nilton do balcão Sebrae, Elias Lira da Rádio Brisa, William de Oliveira, presidente da Associação de Moradores da Rocinha, Baiana, Anderson e a todos aqueles que em algum momento, abriram as portas de suas casas, estabelecimentos e vidas para que eu pudesse concretizar a minha pesquisa.

Dever cumprido. Muito obrigada.

Dedico este trabalho a minha filha Clara e ao meu marido e companheiro Arthur, pela compreensão e carinho.

## ÍNDICE

Viajando nas ondas do rádio.....	6
O Rádio .....	10
1-As Rádios Comunitárias.....	11
2-A Comunidade em Questão:A Favela da Rocinha.....	13
3- A Rádio Brisa.....	15
3.1 - Programação.....	18
3.2- A experiência com o programa.....	22
Considerações Finais.....	29
Fontes.....	32
Bibliografia.....	35
Anexos.....	38

## VIAJANDO NAS ONDAS DO RÁDIO

*“...Toquem o meu coração  
Façam a revolução  
Que está no ar, nas ondas do rádio  
No underground repousa o repúdio  
E deve despertar...”<sup>d</sup>*  
Paulo Ricardo e Luis Schiavon

Sou publicitária, especialista em marketing e em administração de negócios. Minha relação com o rádio começou em 1995, quando já estava perto de me formar em Comunicação Social. Neste ano, fui admitida como estagiária na Rádio Alvorada FM, uma emissora no segmento das rádios *adulto-contemporâneas*, que atingia um público masculino e feminino de classes AB, de 25 a 40 anos. Na época, três rádios disputavam o 1º lugar na audiência : JB FM, Globo FM e Antena 1. O mercado era, extremamente, competitivo com rádios que investiam na programação musical e nas ações promocionais. Não era fácil manter a segunda colocação neste segmento.

Em 1997, fui promovida a gerente de marketing. Naquela ocasião, com mais experiência e responsabilidade, passei a repensar o sentido do rádio, suas especificidades e tudo o que ele poderia oferecer ao público. Apesar de vivermos no mundo que privilegia a imagem, o rádio sempre teve o seu espaço. O rádio emociona, interage, desperta, excita, aflora os sentimentos.

Na Rádio Alvorada, a relação com os ouvintes foi construída através de uma programação musical que privilegiava a MPB, e com muitos eventos de música que aconteciam em diversos pontos da cidade do Rio de Janeiro. Esse diferencial nos manteve entre os dois primeiros lugares em audiência durante muito tempo.

---

<sup>1</sup> A música “Rádio Pirata” fez um grande sucesso na década de 80, com o extinto grupo RPM. A letra é de Paulo Ricardo e Luis Schiavon. 1986, Epic/CBS.

Após o encerramento das atividades da rádio no Rio de Janeiro em 2000, procurei não me distanciar do veículo. Minha relação com o rádio não ficou para trás. Passei a dar aulas de produção de jingles e spots na Universidade Castelo Branco e na Universidade Gama Filho. Em 2001, assumi a coordenação do curso de Propaganda e Marketing da Universidade Estácio de Sá. Participei ainda de alguns programas de rádio, falando sobre marketing e comunicação.

Decidi ingressar no mestrado atraída pela proposta do modelo profissionalizante, mais adequado à minha formação, onde poderia produzir como resultado final, um produto diferenciado. Minha idéia inicial era envolver o rádio como objeto dessa pesquisa.

A minha história com as rádios comunitárias começou na época em que trabalhava na Rádio Alvorada. Essas rádios conhecidas por todos como “piratas”, ocupavam nossa frequência inúmeras vezes, tendo chegado ao ponto de nos reunirmos com o diretor do IBOPE para saber que posição tomar, diante da baixa audiência ocasionada por este fato. As rádios piratas incomodavam, porém estimulavam a minha curiosidade. Afinal, que público ouvia essas rádios? Como a interferência acontecia? Quais os assuntos abordados? Essas questões não se apagaram com o tempo, então resolvi resgatá-las neste estudo.

A experiência com este assunto é muito nova para mim. A pesquisa começou tímida, ainda sem saber até onde poderia chegar, mas com o avançar de cada fase, o tema cresceu, se tornando muito mais interessante do que parecia. Afinal, passaria finalmente a entender o funcionamento dessas rádios. No primeiro momento, a clandestinidade poderia afastar qualquer aproximação, mas com o desenvolver da pesquisa, percebi que esse modelo tem características muito específicas, como o tipo de programação, estilos musicais, eventos e locução. Essas rádios trabalham com assuntos que envolvem as comunidades onde atuam, prestando serviços.

Diante de todas essas questões, sabia que teria um grande trabalho ao escolher a rádio. Vários fatores pesaram na minha decisão como: cobertura, localização – teria que ser em uma comunidade carente, proposta da rádio e modelo de gestão. Desejava trabalhar com uma rádio que tivesse importância dentro de uma comunidade .

Cheguei à Rocinha com a ajuda do professor Silvio de Almeida Carvalho da UFRJ/UERJ que me apresentou Nilton, do balcão SEBRAE. Nilton, pessoa influente na Rocinha, nascido e criado na comunidade, é pároco de uma das igrejas da área. Ele me fez olhar a referida comunidade com outros olhos. Deixei de lado o preconceito, mitos e medos para que pudesse entrar nesse novo espaço. Mesmo morando no Rio de Janeiro, convivendo ou passando por tantas favelas, naquele momento me sentia como uma estrangeira.

Com o Nilton tive a oportunidade de conhecer a história da Rocinha. A cada beco ou rua que passávamos, era apresentada imediatamente por ele como professora e pesquisadora (uma forma de justificar a minha presença e o meu olhar tão surpreso). Ao longo da nossa conversa, era constantemente interrompida por músicas ou vozes que vinham de inúmeras caixinhas presas aos postes de luz que acompanhavam nossa caminhada. Quando soube que as caixinhas pertenciam a Elias Lira da Rádio Brisa, tive a certeza que essa rádio seria o objeto da minha pesquisa. Após esse encontro, cheguei à Rádio Brisa com uma grande expectativa.

A Rádio Brisa não foi escolhida só pelas caixinhas, que me fascinaram desde o início, mas pela facilidade de acesso, programação, tipo de gestão e proximidade junto à comunidade. Além desses aspectos, pesou o fato de que a maioria das ações de promoções, visitas de artistas e políticos sempre aconteciam na Rádio Brisa. Os moradores e comerciantes entrevistados por mim, citaram a Brisa como a rádio mais atuante na Rocinha.

Para maior envolvimento com a Rádio, produzi e apresentei um programa durante 9 meses. O programa Música e Cia tinha como proposta inicial falar sobre temas ligados à educação, cultura e saúde. Com o passar do tempo, os temas foram se aproximando mais da realidade dos ouvintes. Passei a dar notícias locais, a responder muitas dúvidas recebidas por e-mail sobre cursos de 2º grau e universitários e muitos assuntos ligados à emprego. Além do trabalho básico - roteiro e produção, foi estudada a linguagem e as especificidades do próprio veículo, levando em consideração a representatividade da rádio nas relações que envolvem ouvintes e locutores.

Diante de tanta diversidade e riqueza do material reunido, optei por apresentar o resultado da pesquisa em um vídeo de 20 minutos que mostra o cotidiano da rádio através de depoimentos do Elias Lira, proprietário da Rádio Brisa, de locutores, ouvintes e anunciantes, músicas mais tocadas, trechos dos meus programas, além da cobertura de eventos organizados pela rádio.

As imagens foram feitas em outubro e novembro de 2006, fevereiro, abril e maio de 2007. O vídeo foi dividido em quatro partes: apresentação da Rocinha; para mostrar a conexão da favela com a rádio. Na sequência, entram depoimentos de profissionais ligados à temática das rádios comunitárias, para que logo em seguida, seja apresentada a Rádio Brisa e a minha experiência com o programa.

O processo de edição do vídeo durou 30 dias. No primeiro momento, achei que nada poderia ser descartado. A grande dificuldade foi selecionar imagens, músicas e programas que descrevessem bem a realidade da Brisa, através de depoimentos e olhares dos ouvintes e moradores, procurando não influenciá-los com a minha percepção. Todos foram extremamente receptivos com a minha presença. Mesmo com algumas restrições impostas pelo tráfico, em relação ao que poderia ser filmado dentro da favela, consegui atingir o meu objetivo: mostrar o papel da Rádio Brisa na comunidade da Rocinha.

O vídeo que segue em anexo, é a primeira versão de um material que poderá ser apresentado em seminários, salas de aula e eventos com a proposta de mostrar o que muitos não conhecem: o cotidiano de uma rádio comunitária, suas particularidades, diversidade, destacando a relação com moradores, ouvintes, colaboradores e locutores, sem deixar de ressaltar a visão do Elias a respeito do modelo de rádio comunitária divulgado e defendido por ele. O vídeo pretende ser um material de consulta e divulgação da complexidade de uma rádio comunitária dentro da favela da Rocinha evidenciando conflitos, choques de interesse e as relações de poder.

## O RÁDIO

Ao analisar a força do rádio ao longo da história, é possível entender porque se briga tanto por um espaço neste canal. O rádio sempre teve um grande alcance na vida das pessoas. No Brasil, a primeira emissora iniciou suas atividades em 1923. Vale ressaltar que a televisão iniciou suas atividades na década de 50, portanto o rádio era o principal veículo de comunicação da época. A Rádio Nacional inaugurada em 1936, foi o grande marco na história da comunicação brasileira.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD), feita pelo IBGE em 2000, em 90,3% das moradias brasileiras há pelo menos um rádio. O rádio entre os meios de comunicação de massa, pode ser considerado o mais popular e o de maior alcance no Brasil. O rádio é um meio de comunicação popular, barato, presente em todas as comunidades, e faz parte do dia-a-dia das famílias das favelas do Rio de Janeiro.

Esse destaque é dado ao rádio pela grande capacidade que o homem tem de ouvir a mensagem sonora e a falada simultaneamente e não ter que interromper suas atividades para se dedicar exclusivamente à audição. Podemos destacar alguns outros aspectos como a mobilidade, o imediatismo e o grande alcance a todos os lares.

Um encontro diário é construído através da formatação de programas caracterizados pela repetição de idéias e conceitos, de forma a facilitar a assimilação pelos ouvintes. Os programas são pensados de acordo com a classe social, sexo, faixa horária e etária para que os ouvintes não mudem de frequência. A audiência do setor se mede através do número de ouvintes por minuto e pelo tempo médio que uma pessoa

fica ligada em uma frequência. As rádios AM têm o maior tempo do rádio, em média 5 horas.<sup>2</sup>

## AS RÁDIOS COMUNITÁRIAS

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação surgem novas formas de utilização da mídia. A necessidade de informação se faz presente no cotidiano das comunidades carentes. As pessoas dividem a mesma realidade, problemas e expectativas de vida. O rádio, como um envolvente veículo de comunicação se torna peça importante nesse processo. Seguindo o pensamento de McLuhan, “[...] o rádio afeta as pessoas, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular”.<sup>3</sup>

O surgimento dessas rádios no Brasil na década de 80<sup>4</sup>, se insere no processo de abertura política marcada por grande mobilização popular<sup>5</sup>. A proposta das rádios comunitárias foi desencadeada pela proposta dos movimentos sociais, no período de democratização do Brasil. Esse período foi altamente produtivo tendo como expectativa o futuro da nação. Neste momento surgiram diversas Ongs, jornais alternativos, associações de moradores que procuravam atuar na mobilização para o desenvolvimento da sociedade. As rádios comunitárias tinham como objetivo estreitar a comunicação direta com bairros, comunidades, favelas, levando não só música, mas atendendo reclamações, críticas, opiniões, esperança, e informando de uma forma muito particular.

---

<sup>2</sup> Entrevista feita com Marcus Aurélio do Sistema Globo de Rádio em abril de 2007.

<sup>3</sup> Marshall McLuhan. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964 p. 336

<sup>4</sup> A primeira rádio comunitária a ser criada no Estado do Rio de Janeiro foi a Novos Rumos de Ismael Lopes no município de Queimados no Rio de Janeiro em 1988. Até hoje esta rádio não tem outorga para funcionar. Entrevista feita com Sebastião Santos da Ong Viva Rio em março de 2006.

<sup>5</sup> Scott Mainwaring. Os Movimentos populares de base e a luta pela democracia in Alfred Stepan. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P.275-315.

Este tema mostra-se extremamente complexo, pois envolve questões políticas, sociais e financeiras. As rádios comunitárias devem preencher alguns requisitos para que sejam reconhecidas. O estatuto das Ongs e da lei 9.612/98 ( lei em anexo ), sancionada no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foram referências no direcionamento da pesquisa. Segundo essa lei, o serviço de radiodifusão comunitária, deveria:

*“Dar oportunidade à divulgação de idéias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade; oferecer mecanismos à formação e integração, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social. Deve prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil sempre que necessário; contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação de jornalistas e radialistas, em conformidade com a legislação profissional vigente e permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível”.*<sup>6</sup>

Há muitas rádios comunitárias e a maioria funciona de forma irregular. Só no Estado do Rio de Janeiro são 600 rádios comunitárias e 250 na cidade do Rio de Janeiro.<sup>7</sup> Duas grandes associações existem para tentar organizar o cenário: Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária - Rede Abraço e a Federação das Associações de Radiodifusão Comunitária, a FARC.

Existem 13.669 pedidos de autorização de rádios comunitárias cadastradas no Ministério das Comunicações. Em 9 anos de vigência da Lei 9.612, existem 824 rádios com autorizações provisórias e, apenas 578, com autorizações definitivas<sup>8</sup>. Ter uma concessão do governo não é tarefa fácil. A Anatel exige uma imposição técnica de um distanciamento de 4km entre elas, o que demonstra claramente, que não existirão licenças para todas essas solicitações, provocando disputas dentro das comunidades. Nesse aspecto considera-se exemplar a situação da Rocinha onde existem sete rádios: três são de políticos, duas pertencem à igreja e duas são de moradores da localidade.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> [www.anatel.gov.br](http://www.anatel.gov.br) acesso em fevereiro de 2006.

<sup>7</sup> [www.redeabraco.org.br](http://www.redeabraco.org.br) acesso em janeiro de 2006.

<sup>8</sup> Número divulgado por Sebastião Santos do Viva Rio no Congresso de Rádio Comunitária organizado pelo SESI em março de 2006.

<sup>9</sup> Entrevista feita com William de Oliveira, presidente da UPMMR, uma das associações de Moradores da Rocinha em março de 2006.

As rádios comunitárias conseguem entrar nas casas com uma grande vantagem em relação às rádios comerciais: o conhecimento das áreas que atuam. Questões ligadas à realidade das favelas, são abordadas no dia-a-dia dessas rádios. Um outro fator de forte influência se solidifica na relação com o locutor, que na maioria das vezes mora na área e conhece bem a problemática local.

Um outro ponto a ser considerado, diz respeito aos serviços prestados por essas rádios: ajudam a encontrar crianças desaparecidas e documentos perdidos, distribuem cestas básicas e auxiliam na busca por empregos. Isso mostra o grande elo de ligação entre as rádios comunitárias e seus moradores. Nenhuma rádio comercial, poderia disponibilizar tanto tempo da sua programação para tais questões.

#### A COMUNIDADE EM QUESTÃO : ROCINHA - OLHOS E OUVIDOS DE UMA COMUNIDADE

Conhecida como a maior favela da América Latina, a Rocinha surgiu por volta de 1929 nos morros Dois Irmãos, entre os bairros da Gávea e São Conrado. Atribui-se o nome a uma fazenda denominada Rocinha , propriedade da Companhia Castro Guidão. Entre 1927 e 1930, essa firma loteou a propriedade, vendendo porções de terreno a particulares, possivelmente pobres, num processo feito em bases ilegais” .Antes de ser um lugar de invasão a Rocinha foi ocupada por trabalhadores pobres das fábricas vizinhas, imigrantes merdestinos e migrantes de outras regiões do Estado. O processo de invasão somente acontece por volta de 1940, quando o crescimento demográfico associado a carência de habitações populares deram início ao processo de favelização da Rocinha.<sup>10</sup>

Uma das favelas mais urbanizadas do Rio de Janeiro, a Rocinha tem diversos atrativos, além de localização privilegiada: mata verde, morros, praia e um forte sentimento de comunidade. A Rocinha, hoje tem status de bairro, com suas hierarquias: Vila Verde, Divinéia, rua 1, 2, 4, Laboriaux, Cachopa, Cachopinha, Roupas suja, Valão. A Rocinha apresenta várias sub-áreas e divisões internas. Um

---

<sup>10</sup> Ver a respeito Silvio de Almeida Carvalho Filho. Redes de Solidariedades: Táticas dos deserdados da Rocinha In Deserdados: Dimensões das Desigualdades Sociais. Rio de Janeiro H.P. Comunicações. Pp.85-104

verdadeiro mundo, se comparado com uma cidade do interior do estado. Como quase todas as favelas do Rio de Janeiro, os moradores convivem com o tráfico de drogas, a pobreza e com a falta de serviços essenciais não atendidos pelo governo. Andando pela Rocinha, encontram-se valas de esgoto, lixo acumulado, casas em áreas de risco e muitos motoboys .

Percorrendo a favela é fácil se deparar com obras de todos os tipos. Os tradicionais "puxadinhos" convivem com prédios em construção com varandas que agora sobem cada vez mais, pela falta de espaço, além de casas com piscina. O comércio mostra-se muito variado. A parte de baixo, conhecida como Via Ápia, dentro do bairro Barcelos dedica-se ao comércio, assim como o Largo dos Boiadeiros, o ponto mais conhecido e valorizado da comunidade. Um comércio ativo que inclui financeiras, 3 bancos, 4 linhas de ônibus, creches comunitárias, lan houses, lojas de construção, locadoras, bares, academias, sete rádios comunitárias, churrascarias, além de uma emissora de TV (TV ROC) que não fica dentro da favela, mas cobre tudo o que acontece com equipe própria de reportagem.

Para lidar com 150 mil moradores, existem três associações de moradores. A UPMMR – União Pró - Melhoramentos dos Moradores da Rocinha, cujo presidente atual é William de Oliveira, é a que tem mais expressão e força dentro da favela.<sup>11</sup>

Na Rocinha existe uma grande diversidade. São nordestinos, cariocas, crianças, mulheres, turistas, políticos, empresários, que convivem e se encontram diariamente. Morar na Rocinha significa dividir os problemas com a associação de moradores, subir a favela de moto, enfrentar um grande engarrafamento de motos e ônibus, assistir aos cultos, ir ao baile funk, ajudar o vizinho, participar de festas na comunidade, conviver com o barulho e com a falta de privacidade. Na ausência do poder público, os moradores se unem, criando o que Castells chama de “estados de bem estar social” à base de solidariedade. Os bairros com

---

<sup>11</sup> Segundo o censo do IBGE em 2000 foram registrados 56 mil moradores. Em 2003, a Light fez o levantamento dos pontos e constatou que eram 27 mil (oficiais). Segundo informações dos moradores, deve-se levar em conta que em cada residência moram em média cinco pessoas. Por isso, extra-oficialmente seriam 135 mil pessoas. Para William de Oliveira, presidente da Associação de Moradores da Rocinha, o governo não tem interesse em auferir a verdadeira população da comunidade, pois teria que investir em escolas, postos de saúde, creches para o número real de moradores.

maior poder aquisitivo ajudam os bairros mais pobres. Para Castells, “*toda identidade é construída valendo-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, pela memória coletiva, fantasias pessoais, aparatos de poder e revelações de cunho religioso*”.<sup>12</sup> Todo esse material é decodificado e processado pelos grupos que se reorganizam a partir dos seus códigos simbólicos.

## A RADIO BRISA

A Rádio Brisa é uma rádio comunitária muito ouvida na Rocinha e que reproduz em sua programação, o cotidiano dos moradores. Conhecida como “rádio de caixinhas”, a Brisa foi criada há dez anos por Elias Lira e dois de seus 11 irmãos. Morador da Rocinha desde o nascimento, Elias tem 38 anos, é mestre de capoeira e locutor. Após trabalhar como apresentador na extinta rádio Rocinha, ele viu a possibilidade de ter a sua própria rádio com a saída da Rocinha para a favela de Rio das Pedras. Juntou seus irmãos, trabalhou para comprar alguns equipamentos e montou a Rádio Brisa sem qualquer ajuda financeira. A rádio Rocinha foi a precursora das caixinhas na favela e Elias, acabou sendo o herdeiro. São 120 caixas de som que transmitem músicas e comerciais de diversos estabelecimentos da área.

As caixinhas percorrem toda a favela da parte baixa até a mais alta. Na Cachopa, a Rádio Brisa é transmitida através da rádio do Li<sup>13</sup>, amigo de Elias há muitos anos. As caixinhas são colocadas em pontos estratégicos da Rocinha, pontos de ônibus, áreas de camelôs e perto de estabelecimentos comerciais como na Via Ápia e Largo dos Boiadeiros, por onde passam muitas pessoas. Algumas caixinhas também estão localizadas perto de janelas e casas de moradores que reclamam do barulho em determinados momentos do dia. Segundo Elias, essas caixinhas já foram disputadas

---

<sup>12</sup> Manuel Castells. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

<sup>13</sup> Eliezer Batista é morador da Rocinha e muito conhecido pelos trabalhos sociais que desenvolve com as crianças. Desempregado, vive com a filha de 12 anos na Cachopa, área pobre da favela. A rádio é só uma extensão da Brisa, retransmitindo a programação em caixas de som onde não tem as famosas caixinhas do Elias.

pelas outras rádios que achavam que teriam o mesmo direito de uso. Após um acordo com “a chefia<sup>14</sup>” da favela, Elias teve a autorização que precisava. Ele garante que não foi só o acordo que o beneficiou. Elias foi o “*herdeiro natural das caixinhas dos antigos donos da rádio Rocinha que hoje não funciona mais no local*”.<sup>15</sup>

A Brisa possui sinal de baixa frequência, alcançando de forma restrita a Rocinha e São Conrado. A Brisa é transmitida de duas formas: através das caixinhas e da frequência FM. Para o sistema das caixinhas, basta ter o cabo telefônico que redireciona a programação da mesa para as caixas de som. Para ser ouvida na frequência 101,7, a rádio utiliza um transmissor de 70 watts de potência<sup>16</sup>.

A licença para o funcionamento de uma rádio é outorgada às fundações e associações comunitárias que devem ter como objetivo principal, o atendimento às causas sociais, estando acima de tudo, preocupadas em orientar e educar os ouvintes. Para participar do processo de licenciamento da rádio, Elias Lira teve que registrá-la como uma Ong, criando estatuto e normas de funcionamento. O processo aberto em maio de 2006, ainda está em andamento.

A sede da Brisa está situada na Estrada da Gávea, número 554 - sendo ao mesmo tempo local de moradia e trabalho de seu proprietário. Elias mora com sua atual mulher e um de seus cinco filhos no andar de cima. No pequeno espaço do andar de baixo, circulam mais de 50 pessoas por dia, entre locutores, ajudantes, voluntários, desempregados, alunos da rede pública e moradores que buscam documentos perdidos, entre outras coisas.

A situação encontrada por mim em março de 2006, era bem diferente da atual: as pessoas circulavam entre equipamentos velhos, sala sem pintura e com as paredes quebradas e muitas infiltrações. O banheiro não podia ser utilizado. Na ausência de um supervisor, os locutores não controlavam o tempo dos seus programas, faltavam sem avisar, prejudicando o andamento da rádio. Com o Elias tendo que assumir os horários dos locutores, os negócios diminuíram, já que Elias funciona como captador de recursos,

---

<sup>14</sup> A chefia neste caso é o traficante que controla a favela da Rocinha.

<sup>15</sup> A Rádio Rocinha saiu da favela em 1998. Seus donos estão na favela de Rio das Pedras com uma outra rádio comunitária. Elias se considera o grande herdeiro dessa rádio.

<sup>16</sup> Para a Anatel, os transmissores das rádios comunitárias só podem ter no máximo 25 watts de potência. [www.mc.gov.br](http://www.mc.gov.br)

locutor, produtor e financeiro da rádio. Ele é o único que fecha negócios com políticos, comerciantes e empresários. A rádio é o seu sustento, por isso precisa faturar. Sua renda vem de anunciantes locais e de apresentadores que compram seus horários. Ainda assim, Elias *“acredita que essa é uma forma de qualificar e valorizar a sua rádio, já que nas outras, o valor cobrado é muito mais alto e nem todos têm livre acesso lá”*.

Neste ano, a rádio passou por um processo de modernização. Para continuar ostentando o título de mais popular da favela, fez uma reforma que incluiu a instalação de dois aparelhos de ar condicionado, troca de piso, de computadores, da mesa de 16 canais, e até a criação de um pequeno auditório para que os ouvintes participem ao vivo dos programas. Ao ser questionado, sobre a origem de todo esse material, Elias disse *“que um empresário importante que prefere não se identificar, está patrocinando a rádio em troca da divulgação de seu cantor.”* O cantor no caso, é o Gerson Bruno que será citado mais à frente. A rádio comunitária que não poderia auferir lucro segundo o seu próprio estatuto, é o sustento de Elias e de sua família.

A Rádio Brisa não tem funcionários, só trabalha com moradores da comunidade que trocam sua força de trabalho por uma pequena ajuda de custo, que pode variar de R\$ 50,00 a R\$ 100,00 por semana. Em março de 2007, Elias contratou um ex-funcionário do governo chamado Anderson Ramos, natural de Salvador e morador da Rocinha há 3 anos, que organiza os horários e os anunciantes. Além disso, ele manda notas para a imprensa, envia e recebe e-mails, organiza a agenda do Elias e ainda cuida dos equipamentos. A parte elétrica é feita por Jorge, morador da Rocinha, que é o quebra-galho nesta área. Até pouco tempo atrás, Ceará era o homem da informática. Instalava programas oficiais e piratas, cuidava das linhas telefônicas e dos programas musicais, mas Elias descobriu alguns problemas com equipamentos e o dispensou. Elias dizia que, *“ele era lento demais e muito enrolado”*. Hoje quem cuida dos equipamentos é o Gegê, técnico em informática.

Através do seu projeto social de capoeira, Elias recebe muito apoio local. Conhecido como mestre Canário Belga, atende 320 crianças carentes em seu projeto na Rocinha, recebendo alimentos, camisetas, roupas e instrumentos musicais. Durante a semana, as aulas acontecem na quadra de ônibus da rua 1 e nos fins de semana, as aulas são ministradas na praia de São Conrado com a participação de cinco deficientes físicos.

Na maioria das vezes, rádio e capoeira são negociadas juntas, como uma venda casada. As marcas apóiam a capoeira e ganham espaço na rádio.

A rádio tem um programa profissional de gerenciamento da programação chamado Raduga, utilizado por algumas rádios comerciais. Neste programa são inseridas as vinhetas, comerciais e as músicas na seqüência montada pelo locutor. As músicas são baixadas livremente pela Internet ou copiadas de cds dos locutores que cadastram em pastas. Nenhum direito autoral é pago na rádio.

A programação da rádio é variada. Tirando rock, jazz e música clássica, toca de tudo. Entretanto, o que predomina na rádio é pagode, funk e forró. Artistas da própria comunidade também fazem sucesso entre os moradores. Atualmente, o grande sucesso é o Bonde do Sêmen, um grupo de cinco meninos com idade entre 16 e 22 anos. O fã-clube que compra os cds lançados na favela, criou em homenagem ao grupo, o Bonde do Sêmen Mirim formado por meninos de 11 a 15 anos. Ambos são grupos de funk com letras de apelo sexual.

#### PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO BRISA DE SEGUNDA À SEXTA

<b>Horário</b>	<b>Programa</b>	<b>Descrição</b>
8h às 10h	Poço de Jacó – Anderson Ramos	Evangélico
10h às 11h	Elias Lira	Músicas e piadas. Espaço para reclamações e apelos dos moradores.
11h às 12h	Pastor Adriano	Evangélico
12h às 14h	A voz da comunidade - William de Oliveira/ Renato Santos	Músicas, dicas, fofocas e ofertas de empregos para a comunidade
14h às 15h ( só as quintas )	Música e Cia com Renata Nogueira.	Pop internacional, MPB, dicas de saúde, cultura e notícias.

14h às 16h - nos outros dias	Programa da Marília e Tatiane	Forró
16h às 17h	Pastor Nilson	Evangélico
17h às 18h	Adriana - Mudando de estilo	Popular, hip hop , pagode
20h às 22h	Gegê	Funk
22h às 1h	Júnior de Souza	Músicas românticas internacionais

Nos fins de semana, os programas de forró e evangélicos tomam conta da rádio. Aos sábados pela manhã, acontece o programa da Associação de Moradores e durante à tarde, forró. Aos domingos, acontece o Dia do Senhor, horário comprado pela igreja Assembléia de Deus. Neste dia, a missionária Dalva abre o programa, seguida pelo pastor Nilson e pela missionária Adenir Barros, somando mais de 10 horas de programação religiosa. Em todos os programas da rádio, ficam de fora funks e demais músicas que façam apologia à violência ou às drogas.

#### MÚSICAS MAIS TOCADAS NA RÁDIO BRISA :

1. Saudade do meu amor - Gerson Bruno - pagode
2. Sabãozinho - Os ousados - funk
3. Como uma virgem - Banda Calypso- forró
4. Depois do amor - Perlla e Belo - romântico
5. Ela só pensa em beijar - MC Leozinho - funk
6. Qual é - Gustavo Lins - pagode romântico
7. Futuro Prometido - Sorriso Maroto - pagode
8. Tremendo Vacilão - Perlla – funk
9. 155 de marido – Bonde do Sêmen - funk

10. Vida de Jó - Rose Nascimento - evangélica
11. 500 graus – Cassiane - evangélica
12. Sem rodar – Jeito moleque - pagode

A questão política é outro ponto a ser destacado. No período da campanha para deputado estadual e federal, senador, governador e presidente em setembro de 2006, a Rádio Brisa veiculou propaganda política para determinados candidatos comercializando seus horários. Os candidatos políticos dos partidos mais expressivos compareceram a rádio para participar de debates: Sérgio Cabral Filho, candidato a governador pelo PMDB; Francisco Dornelles, candidato ao Senado pelo PMDB; Geraldo Alckmin, candidato a presidência da República pelo PSDB e a ex-chefe de polícia e candidata a deputada federal Marina Maggesi, assim como o senador do PT, Eduardo Suplicy, em campanha de reeleição do então presidente, Luis Inácio Lula da Silva.

Políticos, artistas, músicos e pesquisadores encontram na Brisa, uma porta de entrada para a comunidade da Rocinha. Se o discurso for eficiente, os moradores se transformam em votos, trocados por pequenos favores ou promessas. A associação de moradores se manifesta nesta disputa, indicando candidatos que mostrem o seu interesse por problemas da comunidade, garantindo a seus líderes mais um mandato.

Ter uma rádio em uma comunidade carente, é ser alvo constante de uma disputa. Elias, por ser dono da rádio mais expressiva, sofre para ter seus projetos apoiados e aprovados pelas três associações de moradores. Todas disputam poder na comunidade. Cada associação tem seus projetos, propostas e interesses. Eleição na Rocinha é como uma eleição para qualquer cargo político: envolve conchavos, parcerias e a atenção de cada morador.

Como uma rádio comunitária, a Brisa tem muitas peculiaridades. Nem todos têm espaço garantido na rádio. A gestão não é coletiva, o Elias é o único que toma decisões

na rádio. Alguns assuntos não são permitidos como transporte de vans, violência e moto-táxis, assim como determinadas músicas.

A Brisa abre suas portas e presta serviços para os moradores, como divulgação de crianças e animais perdidos, documentos, denuncia brigas familiares, abre espaço para mensagens, cobrando para anunciantes da região. Entre os principais anunciantes e parceiros estão o bar e churrascaria NTJ, a rede de drogarias Megafarma, o Governo do Estado, a Associação de Moradores (UPMMR), a Natura e alguns comerciantes locais como Minimercado Barateiro, Rei da grife e Mike do skate.

A Brisa é vista como uma rádio que faz parte do dia-a-dia da Rocinha. Eventos e promoções são articulados com muita frequência na favela. Acompanhei o evento no dia 10 de março deste ano, chamado “Princesinha da Rádio Brisa”. A promoção mobilizou toda a comunidade. Para participar, a candidata à princesa teria que escrever uma carta, contando a história da sua vida. Participei do processo de divulgação, seleção e entrega do prêmio à menina sorteada. Ao ler as cartas das aspirantes a princesa percebi que emprego era o grande desejo de todas. As candidatas com idades de 10 a 40 anos, queriam uma oportunidade de trabalho para seus familiares. Mesmo com todas as dificuldades financeiras, nenhuma queria sair da favela.

O prêmio não garantia emprego, mas um dia de princesa com direito à passeio de limusine com o cantor Gerson Bruno, um cantor de pagode romântico que faz muito sucesso na Rocinha, maquiagem e cabelo no salão de beleza do Hans em Ipanema, uma ida ao Barrashopping para a compra de um vestido que seria usado no jantar para 15 pessoas na Churrascaria Porcão. A princesa ainda ganharia um ano de cesta básica oferecida pelo Minimercado Barateiro, TV e DVD patrocinados pelo empresário do cantor, além de produtos da loja de 1,99. Comerciantes, moradores e empresários se uniram à rádio para proporcionar esses momentos para a princesa. A menina escolhida tem 12 anos, se chama Natália, foi abandonada pela mãe e mora com o pai desempregado em um barraco de dois cômodos no bairro da Cachopa. O pai da menina é o Li, o parceiro e amigo do Elias em tantos eventos na comunidade que acabou sendo favorecido nesta promoção. Elias selecionou a sua carta e creditou à sua história, o título de “a mais triste de todas as cartas que recebeu”.

## A EXPERIÊNCIA COM O PROGRAMA

Com toda essa diversidade, tive um grande desafio: criar uma forma de interagir com essas pessoas sendo de fora da comunidade, ou “do asfalto”, como eles mesmos dizem, através de um programa semanal com uma hora de duração abordando questões ligadas a educação e cultura.

Para este estudo, trabalhei com alguns conceitos-chaves: O localismo proposto por McLuhan, representa muito bem a idéia deste trabalho. O autor descreveu o meio rádio como um tambor tribal, uma mídia capaz de reagrupar os homens em uma aldeia global, como uma forma de compreender os efeitos do rádio na sociedade. O simbolismo deste tambor tribal reforçava a imagem do que se desejava comunicar: o rádio como uma tecnologia que fortalecia a conexão do homem com o grupo.

Com o rádio aguçou-se o sentido de grupo, a voz das ruas, a localidade, o contato com o mundo não visual, a comunicação particular de pessoa a pessoa. Para McLuhan, o que foi criado para ser uma comunicação ponto-a-ponto, “*tornou-se massivo, explosivo, mobilizador, um meio “quente” e rápido para transmitir informação, notícias e realizar prestação de serviços.*”<sup>17</sup>

Dentro deste contexto, analisei símbolos, códigos, linguagens e como todas essas questões influenciam na comunicação das rádios comunitárias. De acordo com Pierre

---

<sup>17</sup> Marshall McLuhan. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

Bourdieu, as relações de comunicação são relações de poder que dependem do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes ou instituições envolvidas. O poder simbólico surge como todo o poder que consegue ter um significado e impô-lo como legítimo. “*Os símbolos são os instrumentos de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida*”<sup>18</sup>. Bourdieu ainda destaca que as lutas simbólicas estão sempre presentes no cotidiano, inseridas entre os dominantes e os dominados. Esse poder exercido através do discurso, reconhecido pelos demais é legitimado devido à posição social de quem o profere, influencia e mobiliza.

A posição social se constrói através do discurso. Para que a rádio exista, é necessário que as pessoas se identifiquem, ouvindo e participando da programação. Tudo aquilo que a rádio representa para a comunidade, está inserido na programação, na fala das pessoas, na proposta solidária. Este poder está representado em todos os lugares: no espaço físico, na posição daquele que ajuda, no discurso do locutor, nas normas de funcionamento, no que deve ir ou não ao ar, enfim em todo o funcionamento da rádio. Assim, a partir do momento em que alguém ou um grupo é reconhecido pelos demais como detentor de alguma espécie de capital, possui conseqüentemente, poder simbólico, exercido por meio do discurso, manipulado conforme os interesses de quem detém tal poder.

A questão dos códigos foi extremamente importante no momento da criação do programa. Stuart Hall, aborda a questão da codificação e decodificação na comunicação, especialmente nas trocas entre emissor e receptor. Segundo ele, esse contato não garante a compreensão total da mensagem. Para Hall, “*a forma discursiva da mensagem tem uma posição privilegiada na troca comunicativa e que os momentos de 'codificação' e 'decodificação', embora apenas 'relativamente autônomos' em relação ao processo comunicativo como um todo, são momentos determinados*”. Antes de transmitir a mensagem é necessário que ela seja traduzida e codificada por seu público específico de forma que ela seja entendida, pois se não houver compreensão do conteúdo, não haverá consumo desta informação. O mais importante é entender como o discurso foi construído.

---

<sup>18</sup> Pierre Bourdieu. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

Stuart Hall<sup>19</sup> ressalta, "que é esse conjunto de significados decodificados que tem um efeito, influencia, entretém, instrui ou persuade, com conseqüências perceptivas, cognitivas, emocionais, ideológicas ou comportamentais muito complexas". Nesse sentido, ele aponta que as diferenças de significados existem em decorrência das diferenças culturais e da representação dos símbolos.

Em uma rádio comunitária, a proposta é fazer uma programação que ajude a comunidade, utilizando a linguagem adequada à realidade das pessoas, para se tornar mais próxima e verdadeira. No caso da Rádio Brisa, este trabalho foi extremamente difícil para mim, primeiramente pela formatação inicial do programa. Alguns aspectos da linguagem, do cotidiano, assim como hábitos, perspectivas e problemas enfrentados foram estudados com muito cuidado, pois não faziam parte da minha realidade. A principal questão seria como chamar a atenção para o meu programa, de forma que eu ainda pudesse obter as respostas devidas para o projeto.

Cada pessoa entende a mensagem dentro de contextos diferentes. Diante de tantos temas, optei por trabalhar com educação e saúde. Essas são questões importantes para o desenvolvimento e inserção de qualquer cidadão na sociedade. Tudo influencia na recepção e entendimento da mensagem: classe, renda, tempo na escola, leitura, vida cultural, convívio social. Esse ouvinte vai decodificar e absorver a mensagem, utilizando seu próprio código de valores e experiências.

Com o imediatismo do rádio, a resposta contrária a alguma afirmação, vem em segundos, junto com um esclarecimento ou pedido de desculpas no ar, como no programa do dia 19 de outubro de 2006. Uma moradora entrou em contato com o meu programa, pedindo que o presidente da associação de moradores, William de Oliveira, fosse até o alto da favela verificar o desabamento do seu barraco, o que de acordo com a moradora Vera, "*O presidente da associação de moradores não foi verificar o que aconteceu e ainda disse que não subiu porque o barraco era de madeira e ele não perderia tempo com aquele tipo de construção*". Imediatamente, William entrou no ar,

---

<sup>19</sup> Stuart Hall. Da Diáspora, identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

exigindo que a moradora *“pedisse desculpas, que ele não tinha dito aquilo e que esse depoimento comprometeria seu trabalho e credibilidade na favela”*.<sup>20</sup>

Antes de entrar no ar, foi feita uma *rádio-escuta* para a identificação das diferentes formas de linguagem nos programas transmitidos pela rádio. Segundo Elias Lira, *“o sucesso da rádio Brisa acontece por que o morador ouve tudo aquilo que ele gosta de ouvir”*. Problemas da comunidade, ofertas de emprego, piadas, músicas, de uma forma muito simples, como é o caso do programa do William de Oliveira, presidente da Associação de Moradores, chamado *“A Voz da comunidade”*. Nesse programa, o locutor Renato Santos se apresenta no lugar do William, que é extremamente ocupado, mas não abre mão do seu contato diário com os moradores. Como nasceu e mora na comunidade, Renato tem muita audiência. Isso causa proximidade e identificação dos ouvintes com o locutor que acaba se tornando um amigo e até mesmo uma referência.

Minha primeira experiência no ar foi bastante difícil. Inicialmente, não sabia como falar com as pessoas, já que as gírias e os erros de português faziam parte da programação. Precisava fazer um laboratório antes de ter o meu próprio programa, para evitar maiores constrangimentos. Nesse momento, fui convidada especial no debate do Elias. Junto com o advogado Marcelo Varon, ele discutia questões ligadas ao direito trabalhista, com participação dos moradores que viam uma oportunidade de receber uma consultoria gratuita.

Entrei no ar no dia 6 de abril de 2006, participando desse debate. No dia, um garçom recém-dispensado por sua empresa, dava seu depoimento sobre todas as dificuldades que enfrentou enquanto trabalhava. No meio da discussão, sem nenhuma cerimônia, fui lançada ao debate da seguinte forma: *“Fulano, vou te apresentar uma professora da Estácio de Sá que vai ajudar a gente a falar melhor e que vai estar aqui todas as quinta-feira para tirar as **nossas dúvida** sobre como fazer uma faculdade”*. Fiquei extremamente surpresa pois, além de ter participado daquela forma ainda tive que opinar sobre a empresa do garçom sem o menor conhecimento de causa.

O locutor tem um papel de grande importância quando se comunica com seus ouvintes. Esse é o grande código. Tudo é levado em consideração: a voz, a entonação, o

---

<sup>20</sup> Depoimento gravado por mim no dia 19 de outubro de 2006 nas dependências da Rádio Brisa.

conhecimento da causa, seu histórico na comunidade e principalmente a forma de interpretar a notícia dada ou o tema do dia do programa. A naturalidade da expressão facilita o entendimento da mensagem e o retorno da mesma. Na minha experiência, percebi que era justamente esse elo que faltava para que as pessoas interagissem com o programa.

Fui apresentada na comunidade como professora. Acredito que por essa razão, as pessoas se sentiram inibidas em participar do meu programa, que não tinha conexão com a vida delas e que ainda podia deixá-las constrangidas corrigindo os erros de português. Enquanto eu estive no ar com o Elias, ele fazia questão de mencionar que eu estaria lá para ensinar o pessoal a falar melhor, corrigindo os erros. No início, ninguém falava comigo por pura vergonha. Reformulei a minha estratégia pedindo ao Elias que não falasse mais sobre isso e sim que eu teria muitas dicas legais para dar ao longo da minha participação.

Comecei de uma forma tímida, tentando não utilizar um vocabulário difícil, pois sabia que a rejeição poderia ser imediata. Em outro momento do programa, fui convidada para uma festa. Nas duas semanas seguintes, passei a receber visitas, pois as pessoas tinham a curiosidade em saber quem estava do outro lado. Muitos se chocaram, pois não imaginavam uma professora tão jovem, outros confessaram que não entendiam nada do que eu falava. Segundo um grupo de moradores *‘eu falava muito difícil’*. A aproximação aconteceu mesmo, quando comecei a receber perguntas no horário do programa do Elias. Aos poucos, fui me familiarizando com a linguagem da favela e com as ligações que o programa recebia. Essas ligações refletiam a audiência e os temas apresentados pelo locutor. Geralmente são de cunho social e abordam o desemprego, briga de vizinhos e problemas do cotidiano. Desta forma, procurei criar um vínculo com essas pessoas, contando ainda com o apoio do Elias, que por ter nascido na Rocinha, facilitava a minha participação.

## O PROGRAMA

Música e Cia entrou no ar com a primeira formatação no dia 5 de outubro de 2006 com uma hora de duração. O programa que seria veiculado semanalmente, abordava os seguintes temas: saúde, educação e cultura.

As notícias foram selecionadas de grupos de discussão e sites como a Rede 3Setor, Rede Viva Favela , Observatório de Favelas e dos principais jornais locais, sem perder o foco: estimular a participação dos ouvintes. Sabia que no início tudo seria difícil.

Uma semana antes da estreia do programa, recebi uma grande ajuda do Elias. Ele gravou uma vinheta com o meu nome para que a minha abertura fosse identificada no ar. Além das vinhetas, Elias anunciava no seu horário que *“um novo programa entraria no ar com a professora Renata Nogueira. Lembra dela? Aquela que participava do debate com o Dr.Marcelo Varon. Você não pode perder esse programa! Será sua oportunidade de falar melhor, estudar e conversar com uma professora todas as quinta-feira aqui na Brisa”*.

A pauta do dia, abordava a importância do voto, já que o debate dos presidenciais aconteceria no domingo, dia 8. Além disso, falei sobre a greve dos bancários, fato que estava atrapalhando a vida das pessoas; sobre aulas gratuitas de surf, oferecidas por uma ONG, para crianças com Síndrome de Down, que aconteceria na praia de São Conrado; dicas de saúde sobre a importância da casca de alguns alimentos , encerrando o programa com uma sugestão de filme, na época sobre Cartola.

Poucas pessoas participaram dos temas selecionados, só ligaram para pedir a música do cantor romântico Gustavo Lins ou da MC Perlla e pediram algumas informações de preços de cursinhos pré-vestibulares, ou mesmo o preço de alguns cursos universitários. Segundo Elias, que naquele momento estava atuando como meu consultor, os temas eram bem interessantes, mas as músicas não estavam agradando, além disso, deveria dar um espaço para a comunidade falar no programa. Para mim era tudo tão claro, pois no início do programa, usei o termo *“A partir de agora, vocês terão um novo canal de comunicação...”*. Ninguém entendeu.

Sempre considerei a percepção, um dos assuntos mais importantes no marketing. Esse processo faz com que o indivíduo selecione, organize e interprete a informação que recebe do ambiente. As pessoas enxergam e ouvem com os olhos da sua localidade. O que para mim era inaceitável como música – funk e pagode, para aquelas pessoas, era a própria história de suas vidas.

Para a criação dos programas seguintes, foram analisados a linguagem e o conteúdo a fim de atingir o propósito de uma emissora comunitária e da minha pesquisa: ter a participação dos moradores. Passei a conversar com os ouvintes e comerciantes para saber que assuntos interessavam mais. Descobri que eventos da comunidade, como gastar menos, dicas de saúde, programas de lazer gratuitos e fofocas de artistas eram os mais cotados. Aos poucos, fui inserindo os assuntos no programa, só dispensando a fofoca de artistas. Com isso, os próprios moradores davam sugestões e recriavam o meu programa a cada semana.

Um momento bem interessante, foi o fechamento de uma parceria com a gravadora EMI para divulgar o novo disco do grupo Rebelde. O grupo em questão, fazia parte de uma novela mexicana que foi um dos maiores sucessos da televisão em 2006. Nesse dia, meu programa recebeu mais de 50 telefonemas e a visita de muitas meninas. Todas queriam o brinde: estojo, *squeeze*, boné, DVD e camiseta do grupo. A partir desse dia, todas ficaram na expectativa de uma nova promoção.

Com o tempo, fui me familiarizando com o novo formato. Tinha que incluir mais informações dos moradores, menos generalidades e falar de uma forma mais descontraída. Passei a mandar uma mensagem para as pessoas que eu já tinha conhecido em suas respectivas localidades: *“Gostaria de começar o programa de hoje, mandando um alô para o Robson da Cachopa e para todos os meus ouvintes da Rua 1, rua 2, meus ouvintes do Valão, do Laboriaux, da Vila verde e da Roupa Suja ”*. Dessa forma, as pessoas pediam que eu mandasse um alô para elas. Esse “alô” representa muito. É uma maneira de mostrar que eu sei que elas estão me ouvindo.

A questão das fontes é muito interessante. No programa do dia 16 de novembro de 2006, recebi a informação de que uma pessoa teria sido atropelada por um ônibus que sobe a estrada da Gávea. Imediatamente, pedi que os moradores próximos à área do acidente tentassem ajudar a vítima chamando o Corpo de Bombeiros ou a Defesa Civil. Na mesma hora recebi uma outra ligação dizendo que não tinha sido o ônibus e sim um motoboy que passava pelo local. Com essa nova informação, entrei no ar dizendo que se tratava de um motoboy, o causador daquele acidente. Pareceu um pouco estranho não checar a fonte antes de dar a notícia, mas tive que aceitar que os moradores são as próprias fontes. Segundo o Elias, *“não é necessário checar, pois como a rádio é muito*

*ouvida, tem sempre uma pessoa ligada com algum conhecimento de causa. Se não for verdade, ela pedirá para entrar no ar”.*

A experiência com o programa rendeu muitos frutos. Convites para participar de roteiro de um documentário sobre rádio comunitária, para escrever um capítulo de um livro sobre experiências na favela e participação do vídeo de uma TV comunitária venezuelana. Ainda continuo na Brisa, devido ao sucesso do programa. Esses seis últimos meses foram fundamentais para o entendimento da rádio e o desenvolvimento da minha pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática das rádios comunitárias é muito mais complexa do que eu esperava. De um lado, as rádios comerciais que reclamam da invasão das comunitárias, interferindo em seu sinal. Por outro lado, a limitação do espectro eletromagnético fazendo com as concessões sejam limitadas, propiciando o aumento das rádios de caixinhas que ao mesmo tempo, invadem a privacidade de alguns moradores. Como possibilitar esse acesso sem afetar ambas as partes?

Primeiramente, vale ressaltar que as rádios comunitárias não competem com as rádios comerciais. São objetivos e propostas muito diferentes que envolvem a criação de uma programação diferenciada, exaltando a particularidade, as questões locais e as minúcias.

Na minha pesquisa percebi a existência de dois modelos distintos de rádios comunitárias. O modelo defendido por Ongs é aquele que tem um conselho formado por moradores que compartilham todas as decisões, incluindo a criação de programas e eventos. Esse modelo não tem dono nem fins lucrativos, vive de doações de moradores e apoios de empresas locais. O segundo modelo, poderia ser classificado como “mais comercial”. Esse formato teria uma preocupação maior com os anunciantes e com

questões financeiras e políticas. A rádio é usada como instrumento de captação de votos, dinheiro ou lobby na comunidade. A Brisa se enquadra neste formato, já que a rádio é o sustento de seu proprietário, depende do dinheiro dos anunciantes para sobreviver, abre espaço para políticos (fazendo melhorias com a verba doada por eles), acata determinadas decisões do tráfico, mas ainda assim tem a preocupação em ajudar a comunidade e a percepção de que cumpre o seu papel social na favela.

A Rádio Brisa tem as características do seu proprietário, mas ao mesmo tempo espelha a diversidade dos moradores da Rocinha. Funkeiros interagem com evangélicos, pagodeiros, sambistas, nordestinos, cariocas, jovens, mulheres e até crianças.

O modelo criado por Elias tem suas vantagens e desvantagens. Como não tem um conselho, as decisões são tomadas por ele, que operacionaliza muito mais rápido. Por outro lado, as discussões em grupo, minimizariam os erros operacionais. Dias antes do Varredão da Rocinha acontecer, as lideranças, locutores e o próprio Elias entraram em guerra a respeito do formato do evento. Todos queriam dar a sua opinião e contribuir de alguma forma. Elias foi o único decisor e errou em vários aspectos. Ele sozinho, não conseguia dar conta de tudo. Resultado: 400 pessoas ficaram esperando pelo almoço prometido por ele, ao final do evento. A questão da centralização das decisões, envolve poder. Como suas caixinhas são muito disputadas, Elias teme que um dia possa perdê-las. Por outro lado, Elias é autodidata, tem muitas dificuldades para se expressar através da fala e da escrita, mas consegue ser uma referência na favela. Seu discurso é ouvido, decodificado. Elias faz sua programação com o que os moradores gostam de ouvir e atribui a isso, o sucesso da rádio.

Dentro da favela circulam saberes locais, e a Rádio Brisa tem um papel fundamental nesse processo. A rádio oferece informação, abre espaço para denúncias e diverte os ouvintes. A Brisa fala para a comunidade, valorizando a linguagem da favela, com sua fala, símbolos e gírias, traduzindo aqueles discursos ou informações às vezes distantes desses moradores.

O modelo de rádio defendido por Ongs lida com uma situação muito distante da vivenciada pela Brisa. As rádios precisam pagar contas e reinvestir o dinheiro em equipamentos. Os anunciantes podem e devem anunciar, pois o público desejado está lá, acompanhando a programação diariamente e promovendo essa integração. Na rádio

Brisa, os anunciantes enxergam uma excelente oportunidade para tornar seu negócio mais conhecido na comunidade. Marcas locais se misturam com marcas consagradas.

Nos últimos 9 meses, experimentei formatos de programas, músicas, e consegui abrir um espaço para uma programação diferenciada que ainda pode ser aperfeiçoada. Constatei que muitas coisas não podem ser mudadas, como a questão das caixinhas, os assuntos proibidos como motos, vans, violência e tráfico. Nesse período pude acompanhar a criação do estatuto, o início do processo de legalização da rádio, a criação de novos formatos, assim como a realização de parcerias com empresas que já atuam na comunidade.

O tempo de pesquisa terminou, mas as questões estudadas ainda não se fecharam. Para os próximos meses, já tenho novos projetos com a Brisa: como a criação de uma praça em parceria com um banco, a captação de novos anunciantes o que pode significar a criação de mais empregos fixos na rádio, além da criação de um setor de projetos especiais na rádio, abrindo espaço para moradores que tenham propostas interessantes envolvendo a rádio e a Rocinha.

Essa pesquisa não solucionou problemas nem criou novas políticas governamentais para as rádios. Também não tive a pretensão de definir quaisquer cenários ou prognósticos. O objetivo principal foi entender o funcionamento de uma rádio comunitária através da experiência com o programa Música e Cia. Com a riqueza do tema, pretendo no futuro analisar como os anunciantes se relacionam com a rádio e como medem seus resultados. O programa utilizado como âncora, pretende continuar sendo uma plataforma para projetos futuros.

Para finalizar reafirmo o quanto a pesquisadora, a profissional de marketing e, principalmente a cidadã foram envolvidas pelas ondas do rádio, mais do que isso, foram tocadas pelas táticas de uma população em sua luta constante para dar conta do seu cotidiano.

## FONTES

**Fontes Orais:** Entrevistas realizadas com:

### **Anderson Ramos**

Baiano, 26 anos, solteiro e sem filhos. Foi assessor do governo do Estado em 2000 e hoje foi contratado para trabalhar na Rádio Brisa. Anderson é o único funcionário oficial de Elias Lira. Mora na Rocinha há três anos.

### **Baiana – Moradora da Rocinha**

27 anos, separada e com um filho de seis anos. A baiana funciona como um quebraghalho na rádio. Antes da entrada de Anderson, baiana era a responsável pela organização dos horários dos locutores. Hoje, ajuda na organização dos eventos.

### **Dante Quinterno**

Diretor da Tv Roc. Em 1996 o jornalista e empresário argentino Dante Quinterno decidiu levar adiante uma idéia inovadora: instalar uma TV a cabo na Rocinha. Hoje a TV Roc completa dez anos de projetos sociais junto à comunidade da Rocinha, integrando o canal 31 a rede de canais da favela.

A TV Roc obtém da Net Brasil um pacote que inclui canais como Cartoon Network, Discovery, Fox e, da Net Rio, a licença para transmití-los. Para ter acesso a essa programação diversificada, os moradores da Rocinha pagam uma assinatura mensal de R\$ 25, bem abaixo do valor pago por uma família de classe média.

### **Elias Lira Guilherme – mestre de capoeira “ Canário Belga”**

Morador da Rocinha, casado, 38 anos. Segundo ele, pai de cinco filhos. Elias é o proprietário da rádio Brisa que entrou no ar em março de 1997. Autodidata, participa de cursos de locução oferecidos pelo Sebrae e pelo Viva Rio.

### **Nilton Garcia**

Morador e pároco de uma das igrejas da comunidade, Nilton Garcia trabalha no balcão Sebrae da comunidade. Nilton foi a minha porta de entrada na comunidade, me apresentando ruelas, becos, pontos turísticos e de lazer. Nilton é dono de um prédio na Rocinha, juntamente com seu pai que saiu de um prédio em Copacabana, onde trabalhava como porteiro para comprar uma sala neste prédio na década de 80.

### **Renato Santos**

Tem 30 anos, dois filhos e mora na Rocinha. Renato é o único locutor com curso de locução ministrado pelo Viva Rio e pela UNIRR. Faz trabalhos fora da favela e tem um programa de samba na rádio comunitária concorrente, Gávea FM.

### **Sebastião Santos**

Radialista de profissão foi fundador e primeiro presidente da ARLIVRE (Associação de Radiodifusão Comunitária do Estado do Rio de Janeiro), da ABRAÇO (Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária), FARC (Federação das Associações de Radiodifusão Comunitária do Estado do Rio de Janeiro) e da RBC (Rede Brasil de Comunicação Cidadã). Participou do grupo de trabalho criado pelo ex-ministro Miro Teixeira, das Comunicações. Tião Santos coordena atualmente a Rádio Viva Rio - AM 1180, uma parceria da ONG Viva Rio e o Sistema Globo de Rádio e a Rede Viva Favela.

### **William de Oliveira**

34 anos, casado, dois filhos. Produtor de eventos, DJ e atualmente Presidente da UPMMR - União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha. Oliveira é interlocutor de Ongs e políticos que atuam na Rocinha. Tem uma trajetória polêmica. Recentemente esteve na prisão acusado de manter relações com o tráfico.

### **Fontes visuais e sonoras**

- Fotos produzidas por mim durante a apresentação do programa;
- Material sonoro contendo todos os programas;
- Filmes de programas e audiências para outorga das rádios comunitárias;
- Fotos de eventos com a participação da rádio Brisa

### **Fontes virtuais**

[www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br)

[www.favelatemmeoria.com.br](http://www.favelatemmeoria.com.br)

[www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)

[www.rádiovivre.org.br](http://www.rádiovivre.org.br)

[www.rádio brasil.com.br](http://www.rádio brasil.com.br)

[www.unesco.org.br](http://www.unesco.org.br)

[www.casadacidadania.org.br](http://www.casadacidadania.org.br)

[www.entidadesocial.org.br](http://www.entidadesocial.org.br)

[www.rits.rets.org.br](http://www.rits.rets.org.br)

[www.vivario.org.br](http://www.vivario.org.br)

[www.vivafavela.org.br](http://www.vivafavela.org.br)

[www.farc.org.br](http://www.farc.org.br)

[www.mc.gov.br](http://www.mc.gov.br)

[www.redeabraco.com.br](http://www.redeabraco.com.br)

IBGE - Censo de 2000

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alzira Alves de, LATTMAN-WELTMAN, Fernando, KORNIS, Mônica. *Mídia e política no Brasil: jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.
- ALDE, Alessandra. *A construção da política – Democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada : as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- BARBERO, Jesus Martin. *Dos Meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- BURGOS, Marcelo Baumann. *A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/ Loyola, 2002.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Et alli. *Redes das solidariedades :táticas dos deserdados da Rocinha in. Deserdados : dimensões das desigualdades sociais*. Rio de Janeiro : Editora H.P. Comunicação, 2007.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, D. *Políticos controlam 2.000 rádios piratas*. Folha de São Paulo, 26 de junho de 2000. p. A6.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos, conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- COGO, Denise Maria. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1998.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

- IMBRIZI, Marcos. *Rádios comunitárias e democratização dos meios de comunicação no Brasil*. Dissertação de mestrado. UMESP, 2002. 164p.
- JUNIOR, José. *Da favela para o mundo: a história do grupo Cultural Afro Reggae*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os brasis – uma reflexão em busca da auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- LUDEMIR, Júlio. *Sorria você está na Rocinha*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MEDRADO, Andréa. *Community Television. A case study from favela da Rocinha, Brazil*. Tese de mestrado. Universidade de Oregon, agosto de 2004.
- MONTERO, Paula. “*Globalização, identidade e diferença*”. In: *Novos Estudos – CEBRAP*, nº 49, novembro, 1997.
- NETO, Armando Coelho. *Rádio comunitária não é crime*. São Paulo: Ícone, 2002.
- NUNES, Edson. *A aventura sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: Os grupos de poder e as determinações dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.
- PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYNSPAN, Mário. *A Favela Fala: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- PERLMAN, Janice. *Marginalidade: Do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro (1969-2002)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- PORTO, Regina. *Técnicas de edição e montagem para um rádio contemporâneo*. São Paulo: Ofic. Cultural Oswald de Andrade, 1990.
- PUTNAM, Robert D. *Comunidade e democracia – a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- SCALON, Celi. *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

- SEGALA, LIGYA. *Varal de lembranças. Histórias e causos da Rocinha*. Rio de Janeiro, União Pró-melhoramentos dos moradores da Rocinha tempo e presença. SEC/MEC/FNDE, 1983.
- SILVEIRA, Paulo Fernando. *Rádios comunitárias*. Belo Horizonte : Ed. Del Rey, 2001.
- SOVIK, Liv (org.) *Da Diáspora, identidades e mediações culturais* - Stuart Hall. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- WOODWARD, Kathryn. “*Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*”.
- In: SILVA, Tomaz Tadeu(org).*Identidade e diferença; a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Petrópolis, vozes, 2000.
- VARELLA, Drauzio. *Maré, vida na favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

## ANEXOS

Anexo I - Roteiro do primeiro programa – 05/10

Apresentação: Renata Nogueira

Todas as quintas de 14h às 15h

<p>14hs – vinheta de abertura</p> <p>Música</p>	<p>Boa tarde, comunidade da Rocinha. Hoje é um dia muito especial para mim, pois é o primeiro dia do programa Música e Companhia. Eu sou a professora Renata Nogueira e vamos nos encontrar todas as quintas de duas as três da tarde. Falaremos de muita coisa boa!! Como saúde, cultura, curiosidades, notícias ...</p> <p>Você pode participar do programa. Agora você tem um novo canal de comunicação para fazer a sua denúncia, reclamação, ou simplesmente pedir uma sugestão de música ou livro.</p> <p>Vamos de música !!!</p>
<p>15:10 – Serviços</p>	<p>Vamos as notícias : "O Grupo Bandeirantes promove no domingo o primeiro debate entre os candidatos à presidência. O programa começa as 8 e meia da noite na tela da Band, com transmissão da Rádio BandNews FM. Lula e Geraldo Alckmin já confirmaram presença." Assista, pense bem e vote consciente. O seu voto é a oportunidade da mudança!</p> <p>Categoria recusa proposta da Fenaban</p> <p>A Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf), que reúne 140 sindicatos dos bancários de todo o país, anunciou greve nacional</p>

	<p>a partir desta quinta-feira (5) por tempo indeterminado. A intenção dos trabalhadores é fazer com que os bancos fechem como forma de protesto por um reajuste salarial.</p> <p>No Brasil, a estimativa do sindicato é que a decisão afete 400 mil trabalhadores. Em São Paulo, devem cruzar os braços 106 mil trabalhadores de 17 municípios. Nesta quinta-feira (5), por volta das 17h, está marcada uma passeata na região central de São Paulo e uma nova assembléia para discutir os rumos da greve.</p>
15: 30 –Saúde	<p>Comunicado importante : Pessoas portadoras de deficiência física e mental podem se inscrever no projeto Surf sem Limites. O projeto tem como objetivo desenvolver capacidades e habilidades através do surf, ajudando os alunos a superarem seus limites e compreenderem melhor o funcionamento de seu corpo. Mais de 30 alunos já foram recebidos para as aulas de surf que acontece todo segundo sábado do mês as 11.40 com duração de até 2 horas. As aulas do projeto são gratuitas. Os interessados devem comparecer no dia 14 de outubro na Escola Barra Surf as 11:30 hs para cadastro. A escola fica na praia da Barra da Tijuca. Interessados em participar, entrem em contato.</p> <p>Maiores informações 3473.3951 / 8829.2417  <a href="http://www.barrasurf.net">www.barrasurf.net</a></p> <p>Dicas de saúde : Alimentação com cascas dos alimentos.</p>

15:40 – Dica cultural	<p>Você conhece o cartola? Aí vai uma boa dica!!!</p> <p>A primeira frase que se ouve é "Tudo acabado", verso inicial de "Divina dama", de Cartola. Na tela, imagens de um enterro. O filme "Cartola" de Lício Ferreira e Hilton Lacerda, começa pela morte de seu protagonista. O extenso trabalho de pesquisa - o filme demorou 8 anos para ficar pronto - consegue belas cenas de Cartola, como o momento em que ele aparece ao lado do pai, e gravações raras, como "Festa da vinda" com Elza Soares.</p> <p>Cartola – no espaço Unibanco 3: 16h15m e 21h45m</p>
15:50 – DICAS	<p>Você sabe o que fazer com o ÓLEO USADO?</p> <p>Você sabe onde jogar o óleo das frituras em casa?</p> <p>Mesmo que não façamos muitas frituras, quando o fazemos jogamos óleo na pia ou por outro ralo, certo?</p> <p><b>E R R A D O !!!</b></p> <p>Este é um dos <b>MAIORES ERROS</b> que podemos cometer. Sendo assim, o melhor que se tem a fazer é colocar os óleos utilizados numa daquelas garrafas de plástico (por exemplo, as garrafas pet de refrigerantes), fechá-las e colocá-las no lixo normal</p> <p>Uma curiosidade : <b>UM LITRO</b> de óleo <b>CONTAMINA</b> cerca de <b>1 MILHÃO DE LITROS DE ÁGUA</b>, o equivalente ao consumo de uma pessoa por um período de 14 anos!</p> <p><b>MUSICA</b></p> <p>Após acumular por 12 concursos consecutivos, o prêmio da Mega-Sena finalmente teve ganhador. Segundo a Caixa Econômica Federal, um apostador</p>

	<p>do estado de São Paulo acertou os números sorteados nesta quarta-feira (4) e levará a bolada de R\$ 34 milhões. As dezenas sorteadas foram 03 13 37 47 56 59.</p> <p>As cinco dezenas da quina foram acertadas por 134 jogadores e cada um receberá R\$ 13 mil.</p>
	Resultado da promoção e despedida

Anexo 2 : Entrevistas

**Questionário 1 – Elias Lira - Proprietário da rádio**

Nome:
Idade:
Local de residência dentro da comunidade:
Há quanto tempo reside na Rocinha:
Escolaridade:
Como começou com a rádio Brisa?
Quantas pessoas estão envolvidas na rádio hoje?
Quantos empregados?
Como monta sua programação?
Quem é responsável por definir a programação?
Como a comunidade participa da sua rádio?

Como você se mantém?
Você pode dar alguns exemplos de como a rádio ajuda ou influencia a vida das pessoas da comunidade?
Você conhece o trabalho de outras rádios da comunidade?
Você acha que precisa melhorar em alguma coisa?

**Questionário 2 - Moradores que ouvem a rádio e não participam da programação**

Nome:
Idade:
Local de residência dentro da comunidade: Há quanto tempo reside na Rocinha:
Escolaridade:
Costuma ouvir rádio?
Quais?
Costuma ler jornais e revistas?
E livros? Qual o último livro que leu?
O que faz para se divertir?
Conhece a Rádio Brisa?Ouve?
O que mais gosta na programação?
O que não gosta?
O que a rádio influencia na sua vida?

Você conhece alguém que trabalhou ou trabalha na rádio Brisa?
Você acha que outras comunidades devem ter uma rádio comunitária como a Brisa?

**Questionário 3: Moradores que ouvem a rádio e participam da programação**

Nome:
Idade:
Local de residência dentro da comunidade:
Há quanto tempo reside na Rocinha:
Escolaridade:
Costuma ouvir rádio?
Quais?
Costuma ler jornais e revistas?
E livros? Qual o último livro que leu?
O que faz para se divertir?
Conhece a Rádio Brisa?Ouve?
O que fez você se envolver com uma rádio comunitária?
Em que programas você participou ou participa?
Você se capacitou para entrar no ar?
A rádio te ajuda em alguma coisa?
Qual a importância da rádio para a comunidade da Rocinha?

#### **Questionário 4: Entrevista William de Oliveira**

Nome:
Idade:
Local de residência dentro da comunidade:
Há quanto tempo reside na Rocinha:
Escolaridade:
Costuma ouvir rádio?
Quais?
Como chegou a Rocinha?
O que acha da proposta da rádio Brisa?
A comunidade percebe essa rádio como comunitária?
Conhece a rádio Brisa?Ouve?
O que fez você se envolver com um canal comunitário?
Em que programas você participou ou participa?
A rádio te ajuda em alguma coisa?
Qual a importância da rádio para a comunidade da Rocinha?

Anexo 3 - Lei de Radiodifusão Comunitária ( lei nº 9.612, de 9/02/1998).

**Art. 1º** - denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

- 1º - Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão prestado à comunidade, com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.
- 2º - Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila.

**Art. 2º** - O Serviço de Radiodifusão Comunitária obedecerá aos preceitos desta Lei e, no que couber, aos mandamentos da Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962, modificada pelo Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, e demais disposições legais.

Parágrafo único. O Serviço de Radiodifusão Comunitária obedecerá ao disposto no art. 223 da Constituição Federal.

**Art. 3º** - O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a:

- I - dar oportunidade à difusão de idéias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- II - oferecer mecanismos à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;
- III - prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- IV - contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;
- V - permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível.

**Art. 4º** - As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária atenderão, em sua programação, aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade;

II - promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida;

III - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida;

IV - não discriminação de raça, religião, sexo, preferências sexuais, convicções político-ideológico-partidárias e condição social nas relações comunitárias.

- 1º - É vetado o proselitismo de qualquer natureza na programação das emissoras de Radiodifusão comunitária.

- 2º - As programações opinativa e informativa observarão os princípios da pluralidade de opinião e de versão simultâneas em matérias polêmicas, divulgando, sempre, as diferentes interpretações relativas aos fatos noticiados.

- 3º - Qualquer cidadão da comunidade beneficiada terá direito a emitir opiniões sobre quaisquer assuntos abordados na programação da emissora, bem como manifestar idéias, propostas, sugestões, reclamações ou reivindicações, devendo observar apenas o momento adequado da programação para fazê-lo, mediante pedido encaminhado à Direção responsável pela Rádio Comunitária.

**Art. 5º** - O Poder Concedente designará, em nível nacional, para utilização do Serviço de Radiodifusão Comunitária, um único e específico canal na faixa de frequência do serviço de Radiodifusão sonora em frequência modulada.

Parágrafo único. Em caso de manifesta impossibilidade técnica quanto ao uso desse canal em determinada região, será indicado, em substituição, canal alternativo, para utilização exclusiva nessa região.

**Art. 6º** - Compete ao Poder Concedente outorgar à entidade interessada autorização para exploração de Serviço de Radiodifusão Comunitária, observados os procedimentos estabelecidos nesta Lei e normas reguladoras das condições de exploração do serviço. Parágrafo único. A outorga terá validade de três anos, permitida renovação por igual período, se cumpridas as exigências desta Lei e demais disposições legais vigentes.

**Art. 7º** - São competentes para explorar o Serviço de Radiodifusão Comunitária as fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, desde que legalmente constituídas e devidamente registradas, sediadas na área da comunidade para a qual pretendem prestar o Serviço, e cujos dirigentes sejam brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos.

Parágrafo único. Os dirigentes das fundações e sociedades civis autorizadas a explorar o Serviço, além das exigências deste artigo, deverão manter residência na área da comunidade atendida.

**Art. 8º** - A entidade autorizada a explorar o Serviço deverá instituir um Conselho Comunitário, composto por no mínimo cinco pessoas representantes de entidades da comunidade local, tais como associações de classe, beneméritas, religiosas ou de moradores, desde que legalmente constituídas, com o objetivo de acompanhar a programação da emissora, com vista ao atendimento do interesse exclusivo da comunidade e dos princípios estabelecidos no Art. 4º desta Lei.

**Art. 9º** - Para outorga da autorização do Serviço de Radiodifusão Comunitária, as entidades interessadas deverão dirigir petição ao Poder Concedente, indicando a área onde pretendem prestar o serviço.

- 1º - Analisada a pretensão quanto à sua viabilidade técnica, o Poder Concedente publicará comunicado de habilitação e promoverá sua mais ampla divulgação para que as entidades interessadas se inscrevam.

- 2º - As entidades deverão apresentar, no prazo fixado para habilitação, os seguintes documentos:

- I - estatuto da entidade, devidamente registrado;

II - ata da constituição da entidade e eleição dos seus dirigentes, devidamente registrada;  
III - prova de que seus diretores são brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos;

IV - comprovação de maioria dos diretores;

V - declaração assinada de cada diretor, comprometendo-se ao fiel cumprimento das normas estabelecidas para o serviço;

VI - manifestação em apoio à iniciativa, formulada por entidades associativas e comunitárias, legalmente constituídas e sediadas na área pretendida para a prestação do serviço, e firmada por pessoas naturais ou jurídicas que tenham residência, domicílio ou sede nessa área.

• 3º - Se apenas uma entidade se habilitar para a prestação do Serviço e estando regular a documentação apresentada, o Poder Concedente outorgará a autorização à referida entidade.

• 4º - Havendo mais de uma entidade habilitada para a prestação do Serviço, o Poder Concedente promoverá o entendimento entre elas, objetivando que se associem.

• 5º - Não alcançando êxito a iniciativa prevista no parágrafo anterior, o Poder Concedente procederá à escolha da entidade levando em consideração o critério da representatividade, evidenciada por meio de manifestações de apoio encaminhadas por membros da comunidade a ser atendida e/ou por associações que a representem.

• 6º - Havendo igual representatividade entre as entidades, proceder-se-á à escolha por sorteio.

**Art. 10º** - A cada entidade será outorgada apenas uma autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária.

Parágrafo único. É vedada a outorga de autorização para entidades prestadoras de qualquer modalidade de Serviço de Radiodifusão ou de serviços de distribuição de sinais de televisão mediante assinatura, bem como à entidade que tenha como integrante de seus quadros de sócios e de administradores pessoas que, nestas condições, participem de outra entidade detentora de outorga para exploração de qualquer dos serviços mencionados.

**Art. 11º** - A entidade detentora de autorização para execução do Serviço de Radiodifusão Comunitária não poderá estabelecer ou manter vínculos que a subordinem ou a sujeitem à gerência, à administração, ao domínio, ao comando ou à orientação de qualquer outra entidade, mediante compromissos ou relações financeiras, religiosas, familiares, político-partidárias ou comerciais.

**Art. 12º** - É vedada a transferência, a qualquer título, das autorizações para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária.

**Art. 13º** - A entidade detentora de autorização para exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária pode realizar alterações em seus atos constitutivos e modificar a composição de sua diretoria, sem prévia anuência do Poder Concedente, desde que mantidos os termos e condições inicialmente exigidos para a outorga da autorização, devendo apresentar, para fins de registro e controle, os atos que caracterizam as alterações mencionadas, devidamente registrados ou averbados na repartição competente, dentro do prazo de trinta dias contados de sua efetivação.

**Art. 14º** - Os equipamentos de transmissão utilizados no Serviço de Radiodifusão Comunitária serão pré-sintonizados na frequência de operação designada para o serviço e devem ser homologados ou certificados pelo Poder Concedente.

**Art. 15º** - As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária assegurarão, em sua programação, espaço para divulgação de planos e entidades ligadas, por suas finalidades, ao desenvolvimento da comunidade.

**Art. 16º** - É vedada a formação de redes na exploração do Serviço de Radiodifusão Comunitária, excetuadas as situações de guerra, calamidade pública e epidemias, bem como as transmissões obrigatórias dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo, definidas em lei.

**Art. 17º** - As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária cumprirão tempo

mínimo de operação diária a ser fixado na regulamentação desta Lei.

**Art. 18º** - As prestadoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária poderão admitir patrocínio, sob a forma de apoio cultural, para os programas a serem transmitidos, desde que restritos aos estabelecimentos situados na área da comunidade atendida.

**Art. 19º** - É vedada a cessão ou arrendamento do Serviço de Radiodifusão Comunitária ou de horários de sua programação.

**Art. 20º** - Compete ao Poder Concedente estimular o funcionamento de Serviço de Radiodifusão Comunitária em todo o território nacional, podendo, para tanto, elaborar Manual de Legislação, Conhecimentos e Ética para uso das rádios comunitárias e organizar cursos de treinamento, destinados aos interessados na operação de emissoras comunitárias, visando o seu aprimoramento e a melhoria na execução do serviço.

**Art. 21º** - Constituem infrações na operação do Serviço de Radiodifusão Comunitária:

- I - usar equipamentos fora das especificações autorizadas pelo Poder Concedente;
- II - transferir a terceiros os direitos ou procedimentos de execução do serviço;
- III - permanecer fora de operação por mais de trinta dias sem motivo justificável;
- IV - infringir qualquer dispositivo desta lei ou da correspondente regulamentação;

Parágrafo único. As penalidades aplicáveis em decorrências das infrações cometidas são: advertência e multa e na reincidência revogação da autorização .

**Art. 22º** - As emissoras do Serviço de Radiodifusão Comunitária operarão sem direito a proteção contra eventuais interferências causadas por emissoras de quaisquer Serviços de Telecomunicações e Radiodifusão regularmente instaladas, condições estas que constarão do seu certificado de licença de funcionamento.

**Art. 23º** - Estando em funcionamento a emissora do Serviço de Radiodifusão Comunitária, em conformidade com as prestações desta Lei, e constatando-se interferências indesejáveis nos demais Serviços regulares de Telecomunicações e

Rádiodifusão, o Poder Concedente determinará a correção da operação e, se a interferência não for eliminada, no prazo estipulada, determinará a interrupção do serviço.

**Art.24º** - A outorga de autorização para execução do Serviço de Rádiodifusão Comunitária fica sujeita a pagamento de taxa simbólica, para efeito de cadastramento, cujo valor e condições serão estabelecidos pelo Poder Concedente.

**Art. 25º** - O Poder Concedente baixará os atos complementares necessários à regulamentação do Serviço de Rádiodifusão Comunitária, no prazo de cento e vinte dias, contados da publicação desta Lei.

**Art. 26º** - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Art. 27º** - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 19 de fevereiro de 1998.